



Um projeto de extensão em pedagogia hospitalar e o Covid-19

Deolinda Armani Turci^{1,2}, Cíntia Aparecida dos Santos^{1,3}, Erica Renata de Jesus Alquino^{1,4}, Rosângela Rodrigues de Souza^{1,5}, Larissa Formiga Gonçalves Queiroz^{1,6}, Ernanni Marcolino Frago^{1,7}

Resumo: As atividades extensionistas possibilitam a aproximação da universidade com a comunidade externa, articulando teoria e prática, ensino e pesquisa. Durante pandemias que obrigam ao afastamento social, alguns projetos de extensão ficam comprometidos, porque dependem do contato entre as pessoas. O trabalho que apresentamos tem como objetivo relatar as atividades desenvolvidas em um projeto de extensão em Pedagogia Hospitalar em uma Faculdade de Educação de uma universidade pública mineira, durante os anos de 2020 e 2021, em situação pandêmica derivada do COVID-19 e consequente afastamento social. Utilizaram-se como referencial teórico estudos de autoras que debatem a temática da Pedagogia Hospitalar, entre elas Rejane Fontes, Ercília de Paula e Giuseppinna Sandroni. Metodologicamente, apresentamos aqui processos e procedimentos adotados na organização e no funcionamento do grupo de extensão no período. Os resultados demonstram que a proposta efetivada colaborou com o aprendizado das discentes envolvidas, contribuiu indiretamente com as crianças hospitalizadas e promoveu intervenções na comunidade externa, como previsto, seguindo metas e objetivos.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Afastamento Social; Formação De Professores; Hospitais Mineiros

An extension project in hospital pedagogy and the pandemic

Abstract: Extension activities make it possible to bring the university closer to the external community, linking theory and practice, teaching, and research. During pandemics that force social distancing, some extension projects are compromised because they depend on contact between people. The aim of this paper is to report on the activities developed in an extension project in Hospital Pedagogy at a Faculty of Education of a public university in Minas Gerais during the years 2020 and 2021, in a pandemic situation resulting from COVID-19 and consequent social distancing. As a theoretical reference, we used authors who debate the theme of Hospital Pedagogy, such as Rejane Fontes, Ercília de Paula and Giuseppinna Sandroni. Methodologically, we present the processes and procedures adopted in the organization and operation of the extension group during the period. The results show that the proposal collaborated with the learning of the students involved, contributed indirectly to the hospitalized children, and promoted interventions in the external community, as planned, following goals and objectives.

Keywords: University Extension; Social Withdrawal; Teacher Training; Hospitals in Minas Gerais

*Originais recebidos em
14 de abril de 2023*

*Aceito para publicação em
06 de setembro de 2023*

1
Faculdade de educação, Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

2
<https://orcid.org/0000-0003-1820-2092>

Autora para correspondência
deoarmani@gmail.com

3
<https://orcid.org/0000-0001-6302-3101>

4
<https://orcid.org/0000-0001-7446-5335>

5
<https://orcid.org/0000-0002-0976-1979>

6
<https://orcid.org/0009-0004-2568-4047>

7
<https://orcid.org/0009-0007-5741-4940>

Introdução

No âmbito das universidades brasileiras, a curricularização da extensão tem sido mais amplamente discutida nos últimos anos, conforme Koglin e Koglin (2019), principalmente a partir da Resolução CNE/CES nº 07/2018, que estabeleceu diretrizes para as ações extensionistas no âmbito do ensino superior no Brasil. Além de determinar que as atividades de extensão componham 10% do total da carga horária curricular de discentes e sejam inseridas na matriz curricular dos cursos, a referida Resolução ressalta, dentre outros apontamentos, que:

Art. 7º São consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante, nos termos desta Resolução, e conforme normas institucionais próprias.

Art. 8º As atividades extensionistas, segundo sua caracterização nos projetos políticos pedagógicos dos cursos, se inserem nas seguintes modalidades: I – programas; II – projetos; III – cursos e oficinas; IV – eventos; V – prestação de serviços (Resolução CNE/CES nº 07, 2018).

As atividades extensionistas promovem a interação e a pluralização de saberes entre a universidade, seus acadêmicos e demais espaços sociais, sendo disponibilizadas em diversas modalidades, como apontado nessa legislação. Dessa forma, mesmo que a curricularização da extensão ainda não seja uma realidade em diversas instituições de ensino superior, e que a implementação dessa Resolução esteja em processo, a maioria das universidades brasileiras já traz um histórico significativo em atividades extensionistas, principalmente por meio da oferta de oficinas, cursos, eventos e projetos, mesmo que não inseridos efetivamente nas matrizes curriculares dos cursos (Koglin & Koglin, 2019).

Em nossa Faculdade de Educação, em uma universidade pública mineira, por exemplo, para além das discussões e da efetivação da curricularização da extensão¹ no curso de Pedagogia, vários cursos, palestras e eventos ocorrem paralelamente, e há mais de 40 projetos de extensão² em andamento na atualidade, mantendo o tripé ensino, pesquisa e extensão.

Contudo, durante a pandemia causada pelo COVID-19³, nos anos de 2020 e 2021, as atividades acadêmicas e alguns desses projetos de extensão ficaram comprometidos, já que o afastamento social limitou a circulação de discentes, docentes e público em geral, tanto nas instalações da unidade acadêmica quanto nos espaços públicos de atuação de alguns desses projetos, como escolas, hospitais, museus, laboratórios, parques, comunidades diversas etc. Em especial, o projeto de extensão que ora apresentamos, denominado “A atuação pedagógica em espaços não escolares e a humanização no ambiente hospitalar: auxiliando crianças e adolescentes em hospitais mineiros (Programa Humanize – Unidade Parceira João XXIII)”, não pôde se efetivar no espaço do hospital, tampouco na unidade acadêmica, principalmente durante os anos de 2020 e meados de 2021.

Considerando as circunstâncias e a urgência da continuidade das atividades pedagógicas no hospital, que colaboram para a humanização naquele espaço, foi necessário nos reinventar, rever metas e possibilidades. Assim, o objetivo deste texto é relatar as atividades desenvolvidas em um projeto de extensão em Pedagogia Hospitalar em uma Faculdade de Educação de uma universidade pública mineira, durante os anos de 2020 e 2021, em situação pandêmica derivada do COVID-19 e consequente afastamento social.

A temática é significativa e necessária, já que, em conjunturas sanitárias semelhantes, o volume de pacientes e atividades hospitalares aumenta consideravelmente, sobrecarregando os profissionais dos hospitais (Dantas, 2020), enquanto os processos e as atividades acadêmicas são mantidos em sistema remoto ou similar. Outrossim, os projetos de extensão, além de contemplar a comunidade em geral, também são de grande importância para a formação das graduandas em Pedagogia, principalmente quando tratam de atividades

pedagógicas em espaços não escolares, como é o caso do nosso projeto, já que nem sempre as alunas têm oportunidade de estudar teorias e discussões nesses campos específicos durante a graduação.

Destaca-se que, por meio dos projetos de extensão, as estudantes colaboram na transformação social local, aproximam a universidade da sociedade (Koglin & Koglin, 2019), conseguem aprofundar aprendizados de interesses específicos com professores pesquisadores e/ou atuantes na área, além de vivenciar na prática os conteúdos e as atividades desenvolvidas na academia. No caso específico da Pedagogia Hospitalar, concordamos com Paula (2015) quando aponta que a formação de docentes para atuação na área é ínfima, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, ocorrendo muitas vezes a partir de projetos de extensão e pesquisa realizados em poucas instituições de ensino superior no país.

Referencial teórico

Como mencionado por Libâneo (2001, p. 6), Pedagogia é “[...] um campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais”. Como prática social e humana, a educação configura nossa existência, e a Pedagogia sistematiza a prática educativa, cuidando de objetivos, ações e metodologias, sendo um campo de estudo específico, com teorias, identidade e processos próprios. Assim, concordamos com esse autor quando aponta que as práticas educativas não se limitam ao espaço da escola, e que a Pedagogia pode ocorrer em outros espaços.

Em Fontes (2008, p.76), podemos compreender que a Pedagogia Hospitalar é “uma proposta diferenciada da Pedagogia tradicional, uma vez que se dá em âmbito hospitalar e que busca construir conhecimentos sobre esse novo contexto de aprendizagem que possam contribuir para o bem estar da criança enferma”. Nesse sentido, a atuação pedagógica no âmbito hospitalar e o papel das profissionais nesse contexto, para além de estimular a aprendizagem e o desenvolvimento, também proporciona um ambiente mais humanizado e menos hostil. Dessa forma, auxilia “a criança a se conectar com o mundo fora do hospital, ajuda na elevação da autoestima e a compreender a doença e o ambiente no qual está inserida” (Silva et al. 2011, p. 5).

Sendo direito social, mantido pela Constituição Federal Brasileira de 1988, a educação de crianças e jovens deve ser garantida, independentemente do ambiente em que eles se encontram. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), em seu art. 58, assegura que, mesmo em condições específicas, quando o atendimento educacional não for possível nas classes do ensino regular, ele deve ocorrer em escolas, classes ou serviços especializados. Em face disso, o atendimento pedagógico hospitalar no país é resguardado por legislações específicas, podendo-se citar a Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, que ressalta que a criança e o adolescente hospitalizados têm “direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar”.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica determinaram, por meio da Resolução nº 2, de 2001 (Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001), que os sistemas de ensino, integrados com os sistemas de saúde do país, organizassem o atendimento educacional de crianças e jovens hospitalizados. Em seu art. 13, parágrafo 1º, essa legislação definiu que:

§ 1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

Como direito e prática inclusiva, portanto, os sistemas de ensino devem assegurar o atendimento pedagógico às crianças e aos jovens hospitalizados, inserindo-o como parte das políticas voltadas para a Educação Especial, como pontuado na legislação. Alterações de rotina por questões de saúde não podem ser empecilho para o direito garantido à educação.

Em 2002, a Secretaria de Educação Especial, do Ministério da Educação brasileiro, publicou o documento “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações”, com o intuito de organizar o funcionamento do atendimento pedagógico hospitalar e/ou domiciliar para crianças e jovens impossibilitados de frequentar a escola (Ministério da Educação, 2022). Outro marco fundamental no país para a área foi a promulgação da Lei nº 13.716, em 2018, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, assegurando atendimento pedagógico e educacional ao aluno da Educação Básica hospitalizado, garantindo respaldo legal e jurídico a esse estudante.

Sabemos bem que a existência do amparo legal não é garantia de que os atendimentos pedagógicos nos hospitais e/ou nos domicílios na prática irão ocorrer. Assim é que nem sempre as atividades pedagógicas são efetivadas nos hospitais municipais, estaduais e/ou federais brasileiros, mesmo na atualidade e mediante legislações há muito tempo em vigor. Como mencionado por Fontes (2008), o reflexo das indefinições legais também interfere no trabalho pedagógico no âmbito hospitalar em interfaces e teorias. Contudo, conforme essa autora, é importante evidenciar “que tanto a educação não é elemento exclusivo da escola como a saúde não é elemento exclusivo do hospital. O hospital é, inclusive, segundo definição do Ministério da Saúde, um espaço de educação” (Fontes, 2008, p. 74).

Não nos esquivamos de reforçar que a Pedagogia Hospitalar colabora para a recuperação e a saúde das crianças e dos jovens hospitalizados em vários âmbitos, e não só no aspecto da geração de conhecimentos escolarizados. Sandroni (2008) ressalta que, além de minimizar as dificuldades nas questões escolares, a Pedagogia Hospitalar também diminui o tempo de internação dos pacientes, já que contribui significativamente para um ambiente hospitalar mais humanizado. Para Fontes (2008),

A contribuição das atividades pedagógicas para o bem-estar da criança enferma passa por duas vertentes de análise, a primeira aciona o lúdico como canal de comunicação com a criança hospitalizada, procurando fazê-la esquecer, durante alguns instantes, o ambiente agressivo no qual se encontra, resgatando sensações da infância vivida anteriormente à entrada no hospital. A segunda refere-se ao processo de conhecimento deste novo espaço, porque, ao conhecer e desmitificar o ambiente hospitalar, ressignificando suas práticas e rotinas, como uma das propostas de atendimento pedagógico em hospital, o medo da criança, que paralisa as ações e cria resistência, tende a desaparecer, surgindo, em seu lugar, a intimidade com o espaço e a confiança naqueles que aí atuam (p. 76).

Dentro dessa compreensão, o trabalho da Pedagogia Hospitalar pode ocorrer em atividades e espaços diversos no hospital, tais como classes hospitalares, brinquedotecas, atendimento no leito e/ou domicílio, dentre outros. Para a mesma autora, a Pedagogia nos hospitais promove muitas possibilidades “... de um acontecer múltiplo e diversificado que não deve ficar aprisionado a classificações ou enquadres” (Fontes, 2008, p. 75).

Na pandemia provocada pelo COVID-19, a Pedagogia Hospitalar precisou ser repensada, já que a situação era desafiadora – permeada de desconhecimento, incertezas, medo e angústia, o que tensionou ainda mais a permanência no hospital, tanto para profissionais quanto para pacientes – e os espaços de atuação pedagógica no âmbito hospitalar ficaram mais restritos. Sem perder de vista, como apontado por Dantas (2020, p. 233), que

criança pode suportar algum tempo a falta da brinquedoteca, mas é vital para sua saúde física e emocional que ela siga brincando. As aulas e os conteúdos escolares serão, de alguma forma, recuperados. Diante disso, o prejuízo de uma internação ociosa, sem estímulos para que o desejo de aprender continue vivo no sujeito, pode causar na vida da criança algo extremamente drástico.

Mesmo diante dessas evidências e da importância dessas profissionais nesses locais, em situações pandêmicas ou não, nem todas os cursos de Pedagogia no Brasil ofertam disciplinas ou práticas nesse campo específico. No caso de nossa unidade acadêmica, por exemplo, a atuação pedagógica em hospitais e demais espaços não escolares está formalizada pelo Projeto Pedagógico de Curso de Pedagogia em apenas uma disciplina, quando as discentes têm a oportunidade de conhecer também outros campos de atuação.

Relato de Experiência

O projeto de extensão em Pedagogia Hospitalar aqui apresentado é desenvolvido na Faculdade de Educação de uma universidade mineira e, durante os anos de 2019 a 2022, foi financiado pelos Editais 01/2019, 01/2020, 01/2021 e 01/2022 do Programa Institucional de Apoio à Extensão da mesma universidade. O projeto é parte do Programa Humanize, proposto em cursos de Pedagogia de duas unidades acadêmicas, em cidades distintas, e atualmente tem parceria com a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG). O objetivo do projeto, desde sua concepção, é atuar com a escolarização de crianças e jovens hospitalizados em Minas Gerais, utilizando para isso atividades lúdicas que possibilitem um processo de hospitalização mais leve e humanizado. Em situação não pandêmica, nossa proposta é de atuação das discentes em classes hospitalares, atendimento ao leito e brinquedoteca local, com acompanhamento de atividades escolares, jogos pedagógicos e ludicidade, sob supervisão da pedagoga da unidade hospitalar e de uma docente do curso de Pedagogia da unidade acadêmica.

Especificamente em Belo Horizonte, a parceria foi direcionada ao Hospital João XXIII da rede FHEMIG, sendo a equipe do projeto formada por uma professora da unidade acadêmica, uma pedagoga hospitalar da unidade parceira (FHEMIG), uma aluna bolsista, e entre 5 e 10 alunos voluntários por semestre. No primeiro ano, além das atividades de planejamento, a atuação das alunas no âmbito do hospital precisou da formalização de um Acordo de Cooperação Técnica entre as parceiras: universidade e rede hospitalar. Assim, com os trâmites burocráticos e documentais necessários, o processo de assinatura do documento só foi finalizado em 23 de dezembro de 2019, quando já havia terminado o ano letivo na universidade, impedindo a participação das discentes diretamente no espaço hospitalar.

As atividades do grupo de extensão naquele ano voltaram-se para reuniões periódicas entre a professora/orientadora da Faculdade parceira e a pedagoga hospitalar do hospital parceiro, no intuito de reelaboração do projeto para ser apresentado à unidade hospitalar. Outrossim, organizamos quinzenalmente grupos de estudos com as alunas voluntárias, debatendo conteúdos bibliográficos e legislações específicas do campo da Pedagogia Hospitalar e da educação inclusiva. Promovemos também duas palestras na Faculdade de Educação, ministradas pela pedagoga do hospital e abertas à participação de discentes da Faculdade, ocorridas nos meses de setembro e outubro do mesmo ano.

Com a parceria formalizada e o início do semestre letivo, em março de 2020, o planejamento para a atividade extensionista foi feito, contemplando a continuidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, no âmbito acadêmico, bem como a atuação das discentes em atividades pedagógicas no espaço hospitalar da unidade parceira, sob supervisão e orientação teórico-prática das profissionais responsáveis. Transcorridos 15 dias do início das aulas, iniciamos a divulgação do processo de seleção de discentes. Contudo, a pandemia de COVID-19 alcançou grandes proporções mundialmente, ocasionando o afastamento social em várias localidades. De modo geral, as atividades acadêmicas foram suspensas em todo o Brasil, e na nossa unidade acadêmica não foi diferente. No Hospital João XXIII, a circulação de acadêmicos também foi proibida, e os trabalhos hospitalares redobram, já que, além das demandas cotidianas (Dantas, 2020), a unidade também passou a atender intensivamente aos milhares de pacientes acometidos pelo Coronavírus 2 (SARS-CoV-2), agente etiológico da COVID-19.

Frente a esse panorama, a reorganização do ensino em todos os segmentos educacionais brasileiros foi inevitável, e as atividades da universidade em questão e de outras instituições de ensino superior que até então eram ofertadas na modalidade presencial passaram a compor o chamado Ensino Remoto Emergencial, em julho do mesmo ano. Desde então, os encontros do nosso grupo de extensão foram viabilizados no formato remoto, via plataforma Teams, com atividades síncronas e assíncronas. Quinzenalmente, os encontros síncronos se organizaram em torno de discussões e estudos temáticos, a partir de referências bibliográficas pré-estabelecidas em novo planejamento, compondo-se exclusivamente de material relacionado ao campo da Pedagogia Hospitalar e da educação inclusiva e especial. Nos momentos assíncronos, nos dedicávamos às leituras e à busca de materiais que pudessem orientar os estudos.

No início do primeiro semestre letivo de 2021, que ocorreu no mês de maio, reelaboramos nossas metas e objetivos. Ainda no mesmo formato de ensino e em isolamento social, sem perspectiva de alteração do panorama e do retorno presencial, a partir de demandas da própria pedagoga da unidade parceira e mantendo objetivos e metas propostas no projeto de origem, optamos por trabalhar metodologicamente com destaque a três metas principais de atuação para o ano que se iniciava: 1. Continuidade dos estudos grupais; 2. Produção de material didático e pedagógico de apoio; 3. Produção de um texto científico para publicação.

Com relação à meta 1, os estudos teóricos foram mantidos e continuaram a acontecer em reuniões periódicas mensais, na mesma plataforma Teams, refletindo sobre a produção teórica e bibliográfica do campo da Pedagogia Hospitalar. No período, como nosso intuito era também produzir material didático (meta 2), priorizamos o estudo de artigos científicos que nos dessem suporte para essa produção. Assim, as leituras voltaram-se para artigos sobre classes hospitalares, brinquedotecas, escuta e prática pedagógica nos hospitais, educação e saúde da criança hospitalizada, ludicidade, dentre outros.

No segundo semestre de 2021, finalizamos a meta 2, produzindo dois conjuntos de atividades pedagógicas, sendo um direcionado para conteúdos escolarizados relativos à matemática, português, geo-história, artes, literatura, entre outras, e o outro voltado à execução de jogos pedagógicos diversos, para a prática da pedagoga do Hospital João XXIII com as crianças, a partir de demandas estabelecidas pela profissional. O público-alvo foram as crianças hospitalizadas dos anos iniciais do Ensino Fundamental da escola regular, maioria naquele momento na unidade.

O material foi confeccionado tendo como base os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁴, estabelecendo como ponto central a temática do corpo humano, a partir do referencial metodológico baseado na Pedagogia de Projetos, que, segundo Martins e Müller-Palomar (2018, p. 29), “pode significar um fazer consciente, planejado, preparado, pré-pensado que dê condições para fazer ocorrer o processo de ensino e aprendizagem das crianças, expandindo seu saber através de diferenciados aspectos e técnicas”. Essa metodologia foi definida por acreditarmos que não devemos dissociar as atividades escolarizadas do contexto de sua utilização, já que o intuito principal não era a memorização dos conteúdos prontos e a atividade intelectual em si, mas a experiência, os aspectos emocionais, cognitivos e a intervenção no real (Leite, 1996). Escolhemos o tema por compreendermos que, em situações de hospitalização, o corpo tem uma dimensão significativa, já que é nele que se instalam as principais alterações que levam o indivíduo a essa condição e às urgências do cuidado e da saúde, sendo o seu reconhecimento, em tempos e espaços diferenciados, muito importante para o processo de tratamento.

Além das atividades e dos jogos, produzidos em material lavável, flexível e plastificado em função das normas hospitalares, construímos também dois mascotes, bonecos em corpo humano infantil, que seriam utilizados como mediadores nas atividades com as crianças. Consideramos por fim o próprio trabalho com o corpo, em um processo interativo, ajudando no desenvolvimento cognitivo, mas principalmente no desenvolvimento emocional e social, estimulando novas aprendizagens e contribuindo com a saúde geral das crianças.

Com a produção e a publicação de um artigo sobre a experiência vivenciada, concluímos a meta 3, colaborando, fortalecendo e integrando o tripé universitário ensino-pesquisa-extensão, respeitando o já pontuado por Gadotti (2017, p. 9), para quem:

O princípio da integralidade é fundamental na Extensão Universitária. É preciso conectar as três funções da universidade para que a educação seja integral. O currículo não é a soma de um conjunto de disciplinas. Ele traduz um projeto político pedagógico integrado.

Importante ressaltar que todas as etapas do projeto foram bem avaliadas pelos participantes, por sua vez avaliados em produtividade teórica, prática, empenho e dedicação às atividades. As discentes puderam desenvolver atividades e conhecer teorias até então não experienciadas.

Discussão

Com o distanciamento social, as atividades definidas para o grupo de extensão, no âmbito do Hospital João XXIII, ficaram restritas, já que não podíamos estar no espaço físico nem do hospital nem da universidade. Então, as tarefas desenvolvidas em formato remoto proporcionaram conhecimentos diversos para a equipe, com discussões teóricas e práticas sobre a Pedagogia Hospitalar e a educação inclusiva e especial, além de temáticas mais específicas, como a legislação pertinente a esses campos. Nesse sentido, o realinhamento e a revisão de objetivos, produtos e metas à situação local cooperaram para o desenvolvimento das atividades pedagógicas e lúdicas no âmbito hospitalar e colaboraram indiretamente com as crianças hospitalizadas, com a humanização no hospital e com a formação das acadêmicas.

Além da articulação entre ensino e pesquisa, a continuidade do projeto, mesmo durante o afastamento social, possibilitou ainda estudos teóricos e reflexivos sobre a prática pedagógica no ambiente hospitalar, a criança nesse espaço, seu desenvolvimento, suas necessidades, seus sofrimentos, suas possibilidades e as necessárias adaptações. Essas temáticas são indispensáveis à formação de professoras, pois, como mencionado por Fontes (2008), a chegada ao hospital e as novas relações impostas pelo ambiente hospitalar impõem novos papéis sociais às crianças, diferentes dos desenvolvidos até então, e a hospitalização pode agravar seu adoecimento. Assim sendo, compreender todo esse processo é fundamental para as discentes. Seguindo essa lógica, estudos sobre as possíveis e as diversas atividades pedagógicas no âmbito hospitalar, tais como os espaços de brinquedotecas, as classes hospitalares e/ou o próprio leito, são indispensáveis e, como menciona a mesma autora, podem minimizar o sofrimento das crianças, promovendo bem-estar e intimidade com o hospital, a partir de propostas mais lúdicas.

Foi pensando na ludicidade e na mediação, importantes diante das circunstâncias, como apontado por Dantas (2020), que elaboramos todas as atividades, refletindo sobre as dimensões pedagógicas, mas também levando em consideração, sobremaneira, outros parâmetros, tais como os fundamentos da clínica, da saúde, do cuidado e do tratamento médico e hospitalar. Numa proposta de resignificação e humanização, e a partir das demandas das crianças hospitalizadas naquele momento, as atividades pedagógicas confeccionadas para o uso da pedagoga do hospital articularam teoria e prática em ações, possibilitando a manutenção dos vínculos da criança com a escola, redimensionando significados da dor e do adoecer, colaborando com o desenvolvimento cognitivo, social e principalmente emocional das crianças. Cardoso (2001) ressalta que, através das brincadeiras e dos jogos, as crianças vivenciam situações específicas, internalizam conceitos, modificam comportamentos, amenizando sofrimentos, estresses e traumas, o que auxilia em sua recuperação.

A mediação das atividades com os bonecos mascotes, por exemplo, tentou colaborar com a motivação das crianças, o interesse, a oralidade, a criatividade e a expressividade, assim como os jogos pedagógicos puderam promover o relaxamento, o alívio, o lúdico, oportunizando que a criança continuasse se sentindo criança,

mesmo com a mudança brusca em sua rotina, buscando seu bem-estar, “tratando a saúde como afirmação da vida” (Fontes, 2008, p. 90).

O contato constante com a pedagoga do próprio hospital, durante todo o processo, foi fundamental para o planejamento e o desenvolvimento das atividades, afinal, a demanda das tarefas partiu da realidade que ela estava vivenciando naquele momento. Essa profissional era o elo com as crianças, com as especificidades delas e com as urgências vivenciadas em sua prática (Dantas, 2020). Nesse sentido, todo o material produzido foi submetido a sua avaliação, durante o planejamento, a concepção, o desenvolvimento e a finalização.

Ao longo de todo o período, nos perguntávamos se realmente conseguiríamos colaborar na tarefa pedagógica, se promoveríamos a humanização, a saúde e a vitalidade, em momento tão angustiante e incerto para todos os envolvidos – equipe e crianças hospitalizadas. Nossas dificuldades e limitações giraram em torno dessas incertezas. No entanto, o desejo de minimizar o sofrimento e promover o aprendizado e o fato de o projeto ter um financiamento em bolsa para uma aluna instigavam o cumprimento de seus objetivos e metas.

De maneira geral, durante as atividades do grupo de extensão no período pandêmico, nosso intuito era manter o vínculo com a perspectiva e a proposta inicial de nossa equipe, mesmo que necessitando, naquele momento, de uma mediadora para a execução das atividades no espaço do hospital. Juntamente com as atividades, encaminhamos sugestões e possibilidades que podiam ser ajustadas conforme a demanda local, no intuito de colaborar com a rotina da profissional, mas principalmente contribuir para ressignificar modos e espaços para as crianças e suas famílias. Isso porque, como pontuado por Paula (2002, p.3):

Assim como os educandos, nas escolas oficiais, apresentam suas particularidades, essa questão também se faz presente entre as crianças hospitalizadas e a categoria profissional denominada professor hospitalar. Cada contexto hospitalar compreende a criança hospitalizada, seus desejos, seus processos de cura e escolarização, de maneiras bem específicas, assim como esses professores exercem seus trabalhos com metodologias de ensino e concepções de educação, ao mesmo tempo, diversas e peculiares.

A BNCC e a proposta metodológica da Pedagogia de Projetos serviram de base para nossas produções. Entretanto, muito mais do que isso, a elaboração das atividades nos permitiu repensar práticas que engessam e condicionam os componentes curriculares escolarizados, sem intentar transpô-los para o ambiente do hospital. Compreendemos que seja preciso disponibilizar para estimular o aprendizado do aluno hospitalizado, mas também é necessário aprender com ele, respeitando sua cultura e compreendendo que cada criança tem demandas específicas, entendendo suas fragilidades, robustez, demandas e necessidades.

Algumas considerações...

As atividades extensionistas proporcionam aos participantes do grupo a proximidade entre os aprendizados teóricos e práticos e a vivência da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Na relação com a comunidade externa e em situações rotineiras, elas oportunizam experiências reais, colocando as alunas em ocorrências que, em muitos casos, não seriam contempladas apenas com os estudos dentro do espaço da sala de aula universitária.

Como processo formativo, a extensão possibilita a interdisciplinaridade, a interculturalidade, o interprofissionalismo, a criticidade, o diálogo, a investigação, a participação comunitária e cidadã, dentre outros, que perpassam o campo social, humano, econômico, cultural, político, histórico e ético (Koglin & Koglin, 2019). Assim sendo, a ampliação e a curricularização do viés extensionista no ensino superior, formalizado pela Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE/CES nº 07/2018), é extremamente importante, pois beneficia a comunidade universitária interna e externa.

Com o afastamento social, foi preciso repensar nossas práticas e teorias, nossos estudos, colaboração e produção pedagógica (Dantas, 2020). Além da nova rotina, os conteúdos abordados puderam compor aprendizados até então não visionados na matriz curricular do curso de Pedagogia.

Pode-se considerar, portanto, que, mesmo sem a prática direta com as crianças no hospital, esse grupo de extensão em Pedagogia Hospitalar, diante da pandemia de COVID-19, durante os anos de 2020 e 2021, manteve-se fiel a sua proposta de colaborar com os processos de humanização hospitalar, promovendo e produzindo atividades lúdicas e pedagógicas para crianças hospitalizadas, dentro das condições específicas locais e momentâneas, tendo como premissa as metas e os objetivos pré-estabelecidos para a equipe, para o projeto extensionista, colaborando com a humanização no atendimento de crianças e jovens hospitalizados e na formação das discentes da Faculdade de Educação dessa universidade mineira, sem nos esquecermos do compromisso social da universidade, discutindo princípios éticos e coerentes com a atuação de pedagogas em qualquer espaço, sendo esses escolares ou não escolares.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa Institucional de Apoio à Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAEx/UEMG) pelo financiamento do projeto, e às professoras Daniela Fantoni de Lima Alexandrino e Jaqueline Luiz Leite Dantas pela parceria.

Notas

1. A Resolução UEMG/COEPE nº 287, de 04 de março de 2021, deliberou sobre atividades extensionistas como componente curricular obrigatório nos cursos de graduação da UEMG. Recuperado de <https://www.uemg.br/resolucoes-coepe/5822-resolucao-uemg-coepe-n-287-de-04-de-marco-de-2021-dispoe-sobre-o-desenvolvimento-de-atividades-de-extensao-como-componente-curricular-obrigatorio-dos-cursos-de-graduacao-da-universidade-do-estado-de-minas-gerais>
2. Recuperado de <https://www.uemg.br/extensao-fae/projetos-extensao-fae>
3. Para mais informações a respeito, sugerimos consultar <https://www.sbmt.org.br/portal/new-coronavirus-disease-covid-19-more-questions-than-answers/>
4. Definida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, a BNCC deve nortear as matrizes curriculares da Educação Básica das redes e dos sistemas de ensino dos Estados e dos Municípios brasileiros. Para mais informações, sugerimos consultar <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

Contribuição de cada autor

Todos os autores participaram de todas as atividades e as etapas descritas, bem como da redação do artigo.

Referências

- Cardoso, L. M. F. (2001). *Atividade lúdica e a criança hospitalizada: Um estudo na pediatria do Hospital São Sebastião, em Viçosa-MG* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Brasil.
- Dantas, J. L. L. (2020). "Viver é muito perigoso" - A prática pedagógica hospitalar em tempos de pandemia: Uma reflexão à luz de Grande Sertão: Veredas. *Pedagogia em Ação*, 13(1), 226-236.

- Fontes, R. de S. (2008). Da classe à pedagogia hospitalar: A educação para além da escolarização. *Revista Linhas*, 9(1), 72-92.
- Gadotti, M. (2017). *Extensão Universitária: Para quê?* São Paulo: Instituto Paulo Freire. Recuperado de https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf
- Koglin, T. S. S.; & Koglin, J. C. de O. (2019). A importância da extensão em universidades brasileiras e a transição do reconhecimento ao descaso. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 10(2), 71-78.
- Leite, L. H. A. (1996). Pedagogia de Projetos: Intervenção no Presente. *Presença Pedagógica*, 2(8), 25-33.
- Libâneo, J. C. (2001). Pedagogia e pedagogos: Inquietações e buscas. *Educar*, 17, 153-176.
- Martins, F. F., & Müller-Palomar, M. T. (2018). Pedagogia de Projetos: Uma estratégia metodológica no processo de ensino aprendizagem. *Revista Eletrônica FACP*, 13, 26-44.
- Ministério da Educação. (2022). *Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: Estratégias e orientações*. Brasília: MEC; SEESP. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>
- Paula, E. M. A. T. de (2002). Crianças e professores em hospitais: Aprendizizes especiais na diversidade dos contextos hospitalares. In Igualdade e diversidade na educação - Programas e resumos: painéis e pôsteres. Anais eletrônicos do XI Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Goiânia, 11. Goiânia, GO: UFG. CD-ROM.
- Paula, E. M. A. T. de (2015). Formação de professores para atuação na Pedagogia Hospitalar: Reflexões e perspectivas. In Anais do EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 12 (pp. 12855-12874). Curitiba: PUCPR.
- Sandroni, G. A. (2008). Classe hospitalar: Um recurso a mais para a inclusão educacional de crianças e jovens. *Cadernos da Pedagogia*, 2(3), 1-12.
- Silva, A. F., Cardoso, C. A., & Santos, M. A. dos. (2011). O trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar. *Revista Brasileira de Educação e Cultura*, 4, 1-11.

Como citar este artigo:

Turci, D. A., Santos, C. A., Alquinho, E. R. J., Souza, R. R., Queiroz, L. F. G., & Fragoso, E. M. (2023). Um projeto de extensão em pedagogia hospitalar e o Covid-19. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 14(3), 241-250.
